

Programa só sai depois da Copa

PT não quer concorrer com jogos do Brasil e aguarda momento mais oportuno para que projetos de governo tenham espaço na mídia

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — O empate nas intenções de votos em todas as pesquisas de opinião aumentou as pressões para que o petista Luís Inácio Lula da Silva divulgue logo suas propostas de campanha. Mas os dirigentes da frente de oposição estão cautelosos. Vão esperar o fim da Copa do Mundo para anunciar seus principais planos e obter maior impacto na mídia.

"A gente pode até não ganhar estas eleições. Mas vamos deixar no currículo do governo que ele precisou lutar muito para nos vencer", comenta o professor da Universidade de Campinas Marco Aurélio Garcia, coordenador do programa de governo de Lula.

Garcia afirma que o PT hoje está bem mais amadurecido do que na disputa de 1994. "A sociedade ficou satisfeita com o Plano Real, que derrubou a hiperinflação. Em 94, perdemos bem antes do pleito de 3 de outubro", comenta o professor, um gaúcho que torce pelo Internacional.

Se em 1994 o programa de governo de Lula era um calhamaço de 162 páginas, neste ano o trabalho será bem mais condensado, para tentar facilitar o entendimento do público. As prioridades serão educação, saúde, reforma agrária, emprego e distribuição de renda, mas os temas abordados deverão ser mais específicos.

"Estamos aproveitando com seriedade este momento em que Fernando Henrique parece que está grogue: não consegue explicar porque o país vive uma situação difícil e sabe que não tem mais a saída milagrosa

de um novo plano econômico", analisa Garcia, que é um dos principais assessores de Lula.

Segundo Marco Aurélio Garcia, o povo está percebendo que o Plano Real se esgotou na estabilização da moeda. "O brasileiro quer mais. O desemprego alto e a má distribuição de renda são tão dramáticos que jovens, pessoas acima dos 40 anos e aposentados estão desmotivados até para viver", filosofa.

Dentro do PT, vários grupos com dezenas de especialistas estão formulando e escolhendo as sugestões que constarão do programa de go-

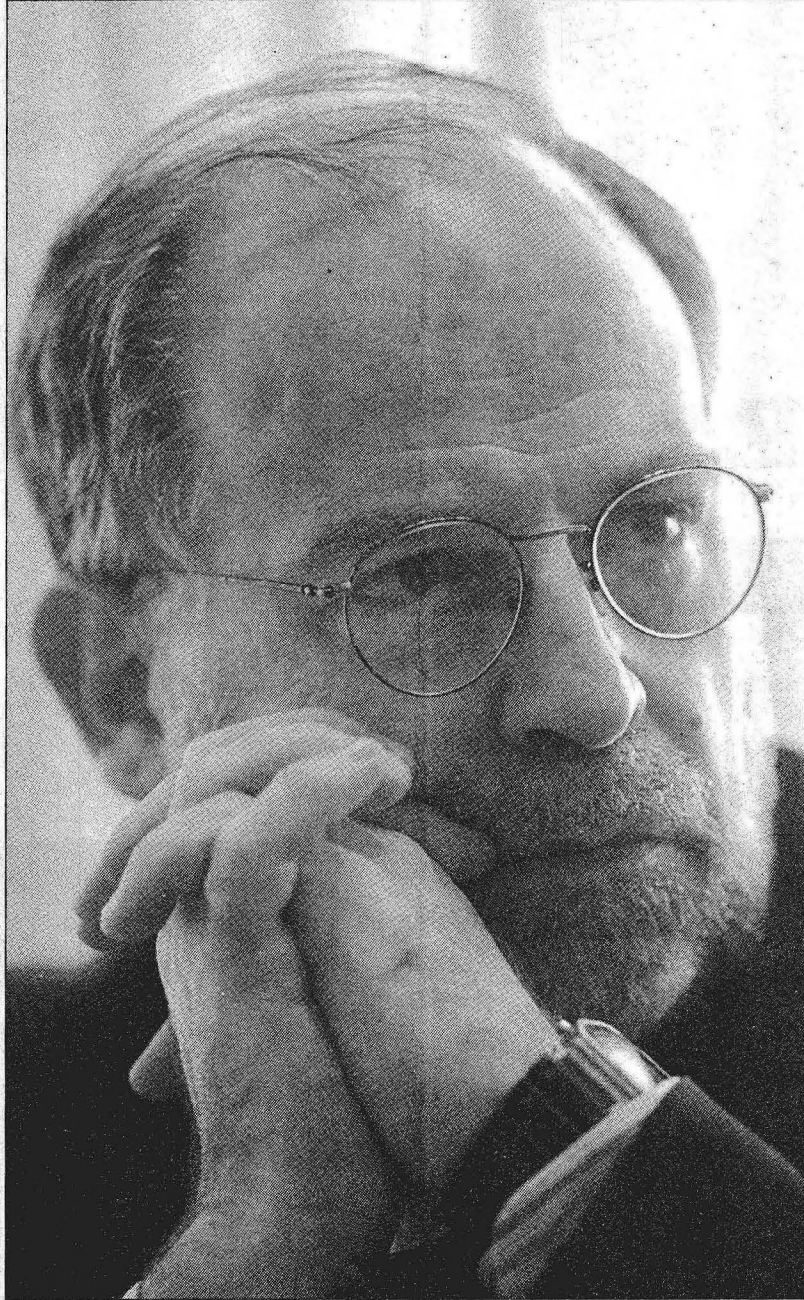
verno. Entre as propostas que serão anunciadas em um mês constarão acordos entre governo, empresários e trabalhadores para proteger alguns setores industriais mais ameaçados pela concorrência internacional.

O ramo de auto-peças é um deles, adianta Garcia. Mas a proteção terá de ter uma contrapartida em resultados, ressalva. "A sociedade saberá claramente que as áreas auxiliadas terão que garantir empregos e ser eficientes, pois terão metas de produção", afirma o petista. "Não faremos nada que contrarie os princípios da Organização Mundial de Comércio (OMC)".

EMPREGOS

Para a geração de emprego, Marco Aurélio Garcia conta com experiências de financiamento popular como o Banco do Povo, da administração petista de Porto Alegre, que ele espera poder criar cinco milhões de empregos em quatro anos. "Basta que cada município do país abra uma instituição de crédito ao povo. Como o Brasil tem mais de cinco mil cida-

Marcos Fernandes



Marco Aurélio Garcia: "O país tem dinheiro, basta reverter as prioridades"

des, se a média de empregos chegar a mil postos de trabalho por localidade, chegaremos aos cinco milhões".

Na área de saúde, o governo Lula pensa em contratar 100 mil jovens para atuar como agentes comunitários em localidades distantes do Brasil. Eles divulgariam práticas básicas de higiene em residências, pequenos restaurantes e até em hospitais.

Para a reforma agrária, na avalia-

ção de Garcia, a administração do PT poderá assentar perto de três milhões de famílias. "O país tem dinheiro, basta reverter as prioridades. O Brasil gastará neste ano R\$ 30 bilhões com juros da dívida interna. Muitos projetos sociais, como a reforma agrária acompanhada de assistência técnica aos pequenos produtores do campo, poderão ser concluídos com um décimo dessa fortuna."

CAMPANHA

CUIDADOS NO COMANDO

Arlete Salvador
Da equipe do **Correio**

Se há alguma coisa que o PT não quer neste momento, quando as pesquisas de opinião indicam um empate entre Luís Inácio Lula da Silva e o presidente Fernando Henrique Cardoso, é ser traído pela euforia. "Pesquisa é o retrato de um momento. Pode subir e descer. Não significa que ganharemos a eleição", diz Clara Ant, responsável pelas finanças da campanha de Lula. O mesmo discurso que está na boca de todos os dirigentes do partido.

A primeira providência dos petistas é evitar erros, em especial os cometidos nas duas campanhas anteriores. O "excesso de democracia" no comando da campanha é um deles. Desta vez, Lula manda mesmo. A indicação de pessoas de sua confiança para postos-chave não foi casual.

Lula quis ter na coordenação um grupo operacional, que faça a campanha andar sem perder tempo com longas discussões ideológicas. Em 1994, o partido levou um mês discutindo o destino do então candidato a vice de Lula, José Paulo Bisol. Envolvido na época em denúncias de corrupção, Bisol foi trocado por Aloísio Mercadante, mas o estrago já estava feito.

Enquanto Lula cuida da campanha, o partido se encarrega das brigas verbais com gente do governo. "Não aceitaremos as provocações. Lula só vai se expor em momentos adequados e se for necessário", afirma o deputado

federal José Genoíno (SP). O candidato a presidente do partido também está fugindo dos jornais. Tem preferido dar entrevistas a emissoras de rádio e televisão duas vezes por dia.

Essa decisão não significa que ataques vindos de aliados do governo ficarão sem resposta. Essa função, agora, está distribuída. Se vier de integrantes do Congresso Nacional, como o senador Antônio Carlos Magalhães, quem responde são os parlamentares do PT. Se vier do presidente da República, quem dá o troco é o candidato a vice-presidente na chapa de Lula, o ex-governador Leonel Brizola, do PDT.

O outro lado da campanha do PT é apresentar um programa de governo conciso e de fácil compreensão pelo eleitorado. O partido tem toneladas de documentos publicados com propostas de políticas sociais e econômicas, mas o eleitorado não tem acesso a elas.

"Parecem estudos sociológicos", critica um dirigente do partido. "Ninguém lê aquilo, nem os petistas". Desta vez, Lula quer propostas concretas e claras.

No PT, a eleição é vista como um plebiscito entre dois programas de governo antagônicos. Por isso, é fundamental deixar claro o que o PT propõe e não assustar o eleitor. Lula está de olho na classe média e nos pequenos empresários. Com essa estratégia, o PT em campanha não deve ter nada de raivoso, segundo os dirigentes. A idéia é mostrar o que não está dando certo no governo e apresentar soluções alternativas.